precisam proporcionar mais e melhores condições de aprendizagem emocional se, efetivamente, as suas missões sociais tão transcendentes se compatibilizarem mais com as emoções e as cognições dos seus educandos, e se preocuparem mais com os seus níveis de satisfação com e para a vida.

O profissional neuropsicopedagogo, que está em constante busca de conhecimentos acerca dos transtornos, síndromes, patologias e distúrbios aos quais o indivíduo possa estar relacionado, terá condições de identificar nos indivíduos tais sintomatologias, procurar identificar quais competências e habilidades que cada pessoa possui, e propor uma intervenção neuropsicopedagógica que, certamente, se fará acompanhada dos familiares, professores, toda equipe pedagógica e demais profissionais que se fazem presentes na vida destes educandos.

REFERÊNCIAS

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. Neurociências: desvendando o sistema nervoso. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BELSKY, J. Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo de vida. Trad.

Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Calvin W. Como o cérebro pensa. São Paulo: Rocco; 1998.

FERNANDEZ, Ana C. G. Aportes de la Neuropsicopedagogía a la pedagogia. La visión de Jennifer Delgado em: Desmistificación de la Neuropsicopedagogía.

Colômbia, ASOCOPSIP, 2010. Disponível em http://licenciadospsicologiaypedagogia.blogspot.com/2010/02/aportes-delaneuropsicopedagogia-la.html Acesso em 02/09/2019.

Fonseca V. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Rev Psicopedagogia. 2014.

GARDNER, Howard. A nova ciência da mente. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LENT, Roberto. Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais. Atheneu: São Paulo, 2002.

PIAGET, J. INHELDER, B. A psicologia da criança. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.

SILVA, Marise Borba da. Metodologia para iniciação a prática da pesquisa e extensão. Caderno Pedagógico I. Florianópolis: UDESC, 2001.

OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NA HISTÓRIA DA ESCRITA E SUA EVOLUÇÃO

RENATA ZEFERINO DA SILVA SANTIAGO

RESUMO

O presente artigo propõe reflexões acerca dos processos de alfabetização na história da escrita e sua evolução. Procurou-se abordar, neste estudo, ponderações sobre as características da escrita na civilização, levando em consideração a evolução da escrita e seus estilos, bem como, as concepções sobre alfabetização. A metodologia utilizada para este traba-

lho foi a pesquisa bibliográfica de especialistas nesta área, seminários, artigos e dissertações que tratam desta temática. A utilização da escrita para o registro do saber produzido pelo homem é acompanhada por uma transformação gradativa nos mecanismos de transmissão do conhecimento. Dessa maneira, a escrita, surgiu no mundo antigo num momento histórico simultâneo, já o desenvolvimento da competência leitora é contínuo e conta com a participação do aprendiz nas práticas que se envolvem a língua escrita e que se traduz na competência de ler e produzir textos dos mais variados gêneros.

Palavras-chave: Escrita; Evolução; Alfabetização.

ABSTRACT

This article proposes reflections on literacy processes in the history of writing and its evolution. In this study, we sought to address considerations about the characteristics of writing in civilization, taking into account the evolution of writing and its styles, as well as the conceptions of literacy. The methodology used for this work was the bibliographic research of specialists in this area, seminars, articles and dissertations dealing with this theme. The use of writing to record the knowledge produced by man is accompanied by a gradual transformation in the mechanisms of knowledge transmission. Thus, writing emerged in the ancient world at a simultaneous historical moment, while the development of reading competence is continuous and relies on the learner's participation in practices involving written language and which translates into the competence to read and produce texts of the most varied genres.

Keywords: Writing; Evolution; Literacy

INTRODUÇÃO

Os processos de alfabetização na história da escrita e sua evolução estão incorporados aos nossos conhecimentos.

Se de início, a escrita é apenas suporte gráfico da memória auditiva, com o advento da tipografia, a palavra é retirada do seu universo sonoro e transformada numa configuração no espaço da página impressa.

Considera-se a escrita como um marco de passagem da pré-história para a história, sendo principalmente a partir do registro que se compõe a forma de vida de um povo em uma determinada época.

Dessa maneira, o presente estudo justifica-se pela importância da reflexão e compreensão dos processos de alfabetização na história da escrita e sua evolução, assim como, as concepções pedagógicas sobre alfabetização, que determina que quanto mais acesso à cultura escrita, mais possibilidades que se enriquece com novas habilidades.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica de especialistas nesta área, seminários, artigos e dissertações que abordam esta temática.

Com frequência, os povos chegaram a essa aprendizagem por influencia externa. A escrita constitui-se num sistema de intercomunicação humana por meio de signos convencionais visíveis,

visuais. Mas é evidente que os antigos não entendiam isto da mesma forma que nós hoje com nosso sistema alfabético.

O alfabetizado é aquele que foi ensinado convencionalmente pelo processo escolar de alfabetização que para ler basta seguir com os olhos linha por linha.

Portanto, as aprendizagens significativas privilegiam a ação cooperativa, visando à conquista da autonomia cognitiva e moral. Relacionando a prática com a teoria, pois estas estão intimamente interligadas no cotidiano escolar. Enfocando a figura do Educador como mediador das relações que os estudantes constroem com ele mesmo e com o grupo em relação à escrita e à alfabetização.

A EVOLUÇÃO DA ESCRITA E SEUS ESTILOS

A utilização da escrita para o registro do saber produzido pelo homem é acompanhada por uma transformação gradativa nos mecanismos de transmissão do conhecimento. Inicia-se então um processo de acumulação do saber, gerando a possibilidade de criação de conhecimentos novos a partir do acervo já disponível.

Se de início, a escrita é apenas suporte gráfico da memória auditiva, com o advento da tipografia, a palavra é retirada do seu universo sonoro e transformada numa configuração no espaço da página impressa.

Diferentes configurações indicam diferentes significados. No início, as letras não eram do jeito que conhecemos hoje: eram desenhos. Os egípcios a três mil anos antes de Cristo já eram uma civilização bastante evoluída e tinham uma forma de escrita: usavam sinais para exprimir as mais diversas situações e fatos (IMENES, 1987, p. 182).

Inicialmente, esses sinais conhecidos como hieróglifos era o desenho da própria coisa que indicavam, como por exemplo, o desenho de um sol que representava o próprio sol, e mais tarde foram adquirindo outros significados simbólicos: onde a figura de um sol, tanto podia indicar sol como dia, e assim, evoluindo mais, essa mesma figura passou a indicar sons diferentes como um correspondente a sol e outro a dia.

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação. (BARBOSA, 2013, p. 34).

Como naquela época não existia a possibilidade de imprimir os textos, existiam os escribas que os copiavam. Porque havia muito que fazer, tinham que trabalhar depressa: como não podiam caprichar muito nos desenhos que faziam, foram simplificando as figuras cada vez mais.

Já os fenícios, outro povo da antiguidade, gostava de coisas práticas, e assim, simplificaram sua escrita, diminuindo o número de sinais empregados.

Isso tornava mais fácil o aprendizado e a tarefa de escrever.

Com o tempo desenvolveram um sistema de escrita composto de apenas 22 sinais. O novo método vinha revolucionar a escrita tradicional: em vez de indicar ideias completas, seus sinais representavam unidades de som. Assim, um conjunto esses sinais formava palavras como as que eram faladas.

Dessa forma, a escrita passou a ser fonética, isto é, a representação gráfica da própria fala.

Os fenícios viajavam por toda parte, e assim divulgaram seu sistema entre os povos. Os gregos o aplicaram e aperfeiçoaram ainda mais, acrescentando sinais para indicar as vogais que faltavam no sistema fenício. Assim, criou o alfabeto, um método completo e flexível que iria permitir o nascimento de livros e grandes obras literárias.

Os romanos por sua vez, adaptaram o alfabeto grego à língua latina, numa escrita cujas letras eram todas maiúsculas. Já os sumérios trabalhavam na escrita cuneiforme, enquanto os egípcios desenvolveram a escrita hieroglífica.

A escrita cuneiforme foi utilizada para se gravar em paredes de rochedos, corpos de estátuas e grandes monumentos, sendo sempre as inscrições um decalque do texto escrito no tablete de argila. Lê-se um texto em escrita cuneiforme da esquerda para a direita e de cima para baixo, como em português. [...] o tablete de argila possui, em geral, 10 cm (a dimensão da palma da mão), mas pode variar de 3 cm a mais de 50 cm. (POZZER, 2000, p. 41).

Pelo século IX, apareceu a chamada escrita minúscula carolíngia, que se divulgou por todo império de Carlos Magno e deu início às góticas e às atuais minúsculas. Eles mudam bastante com o tempo.

Se, atualmente, podemos ter à mão dezenas de canetas esferográficas de modelos diferentes, compradas por uma bagatela em qualquer esquina, houve tempos em que escrever era bem mais difícil.

... cada palavra de uma língua evoluída oculta um sistema de ligações e relações nas quais está incluído o objeto designado pela palavra e de que 'cada palavra generaliza' e é um meio de formação de conceitos, noutros termos, deduz esse objeto do campo das imagens sensoriais e o inclui no sistema de categorias lógicas que permitem refletir o mundo com mais profundidade do que o faz a nossa percepção... Eis porque a palavra não apenas significa uma imagem, mas também inclui o objeto no riquíssimo sistema de ligações e relações em que ela se encontra. (LURIA, 1979, p. 35).

A escrita também pode ser uma manifestação artística. E, como toda arte, é passível de julgamento. A arte de escrever bonito ou elegantemente chama-se caligrafia termo que vem do grego: Kalli (bom ou belo); graphía (escrita). Isto quer dizer uma forma correta e harmoniosa de desenhar letras e que escrever abre possibilidades estéticas.

Além dos diferentes alfabetos que espelham a cultura das civilizações, há diversos estilos de escrever um mesmo alfabeto e variações na maneira de representar a mesma letra. Exemplo: a minúscula e a maiúscula; a letra de máquina e a de mão. Mas antes de tudo parecer tão simples, a escrita passou por um longo pro-

cesso de evolução como veremos a seguir.

Segundo Fischer (2009):

A maior parte da escrita no Egito Antigo, no entanto, não era em hieróglifos, que tomavam muito tempo para traçar ou entalhar. A escrita hieroglífica cursiva, só muito mais tarde chamada de "hierática", desenvolveu-se quase imediatamente como instrumento prático para escrever documentos comuns – cartas, contabilidade, listas – e já no segundo milênio a. C., também textos literários.

(FISCHER, 2009, p. 43).

Aqui destacamos os processos de evolução da escrita e alguns de seus estilos como:

- Hieróglifos

3.000 anos a.c. os egípcios usaram os hieróglifos para dar seu recado. Talhavam desenhos simples em monumentos e tumbas, ou então, pintavamnos em papiros.

Considerados divinos e assimilados à "palavra de Deus", os hieróglifos constituem um dos sistemas de escrita mais antigos do planeta e costumam ser lidos da direita para a esquerda. De início, representavam objetivos concretos – não ideias. O sentido de alguns hieróglifos foi decifrado a partir da Pedra de Rosetta por Jean-François Champollion, em 1822.

- Ideogramas

A escrita chinesa e, por extensão, a japonesa e a tibetana é composta de imagens pictóricas.

Com o tempo, esses pictogramas foram mudando, mas ainda hoje é possível reconhecer o ideograma da árvore, do sol, da água: são imagens simplificadas sugerindo um significado. As mais antigas caligrafias chinesas foram gravadas em osso. Rolos de pinturas com caligrafias são ainda hoje uma forma de ate decorativa muito popular. Desde 1956, foi imposto um sistema de transliteração ao alfabeto latino em Pequim, na China.

- Sistema Braile

Este é o alfabeto usado pelos cegos. Com a ponta dos dedos, eles sentem cada "letra escrita" e, assim, decifram o sentido das frases. Composto de 34 sinais em alto-relevo sobre um papel muito suave demorou oito anos para ser aperfeiçoado pelo francês Louis Braille (1809 – 1852).

- Alfabeto Cirílico

Usado pelos povos eslavos na Rússia, na Ucrânia, na Bulgária e na Eslováquia, é uma adaptação do antigo alfabeto grego feito por São Cirilo (827 – 869), no final do século IX.

Inicialmente composto de 43 letras, derivadas de combinações entre o hebraico e o grego, perdeu algumas e hoje se resume a 33 letras.

- Alfabeto Grego

Utilizado em antigos textos, acrescentou ao alfabeto fenício, no qual se inspirou a representação das vogais, já que o fenício só tinha consoante. Passou a ser usado por volta do ano 800 a.C. Tem 24 letras, entre elas alfa e beta, que formam o alfabeto grego.

- Hebraico

Usado pelos judeus nas Escrituras Sagradas, tem 22 letras e é lido da direita para a esquerda. O hebraico é a língua dos hebreus – povo descendente de

Abraão. É a escrita que foi utilizada no Antigo Testamento. Acredita-se que o mais antigo documento conhecido em hebraico – O Canto de Débora – seja anterior ao ano 1000 a.C.

- Alfabeto Latino

O alfabeto que usamos na Língua portuguesa é o latino. Com a expansão da civilização cristã, ele conquistou toda a Europa. Hoje, é o mais usado no mundo.

- Instrumentos para escrever

Por volta de 300 anos d.c., entrou em cena a caneta grossa, feita com junco ou bambu, cuja ponta, talhada fina, podia ser embebida em qualquer tinta.

Na Europa, os primeiros livros foram escritos com bico de pena!

Em 1792, Jacques Nicholas Conte aperfeiçoou o lápis, um instrumento formado de uma ponta de grafite protegida por um invólucro de madeira dura.

Em 1938, o húngaro Laszlo Biro provocou nova revolução na escrita:

inventou uma caneta descartável dotada de uma ponta em forma de esfera em lugar de um bico. Nascia à esferográfica.

Muito usada até os anos de 1970, a caneta-tinteiro, que armazena tinta num reservatório, foi inventada em 1884 pelo norte – americano Lewis Waterman.

AS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA NA CIVILIZAÇÃO

O questionamento sobre o que é a escrita parece simples em ser respondido, acredita-se que num mundo povoado por representações escritas como o que vivemos, a mais leiga das pessoas se arriscaria em uma resposta.

Contudo, esta, entre várias outras criações humanas, considera-se a escrita como o aprimoramento de algo que já era conhecido, embora não se conheça o nome dos autores das reformas mais importantes da história da escrita como o de tantos outros grandes nomes responsáveis por melhorias essenciais da humanidade.

A escrita, por sua vez surgiu no mundo antigo num momento histórico simultâneo de uma série de elementos diversos chamados de civilização acompanhada de um notável desenvolvimento das artes do governo, do comércio, da agricultura, da manufatura e dos transportes.

Nesse sentido, Fontana e Cruz (1997) enfatizam:

Embora desde a Renascença (século XV) a universalização da aprendizagem da escrita e da leitura fosse uma reinvindicação das classes excluídas do acesso à cultura letrada, somente com a criação dos sistemas nacionais de ensino dos Estados modernos (século XIX) foi que se concretizou a ideia de escola como a instituição encarregada de iniciar as crianças no mundo da escrita e, com ela, criou-se o modelo de alfabetização que conhecemos hoje.

(FONTANA e CRUZ, 1997, p. 170).

Observando-se os fatores geográficos, sociais e econômicos que conduzem ao desenvolvimento de uma civilização, notamos que o complexo de condições

que se origina nesse momento histórico não poderia funcionar se não existisse a escrita. De acordo com Gelb (1993, p. 35), a escrita existe somente em uma civilização, e esta, sem escrita não pode existir.

Considera-se a escrita como um marco de passagem da pré-história para a história, sendo principalmente a partir do registro que se compõe a forma de vida de um povo em uma determinada época.

A evolução da escrita sempre busca simplificação econômica e agilidade na representação. É sempre marcada por necessidade historicamente determinada. A possibilidade de divisão de uma palavra em sílabas componentes significa um grande avanço na compreensão de um idioma.

A escrita, privada de sentido e do seu funcionamento social, é convertida em fim último da aprendizagem escolar. E esta, em vez de ser vista como parte imprescindível de um processo amplo, passou a ser considerado o único e possível caminho de apropriação e de elaboração da linguagem escrita. (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 172).

Com frequência, os povos chegaram a essa aprendizagem por influencia externa. A escrita constitui-se num sistema de intercomunicação humana por meio de signos convencionais visíveis, visuais. Mas é evidente que os antigos não entendiam isto da mesma forma que nós hoje com nosso sistema alfabético.

O alfabetizado é aquele que foi ensinado convencionalmente pelo processo escolar de alfabetização que para ler basta seguir com os olhos linha por linha.

Fontana e Cruz (1997) destacam:

Já para Vygotsky e Luria, a escrita é mais do que um sistema de formas linguísticas organizadas segundo uma lógica com a qual o sujeito se confronta, esforçando-se por compreendê-lo. Ela é uma forma de linguagem, uma prática social própria de membros de uma sociedade letrada.

A escrita nos confere o título de cidadãos. É por meio do registro legal, nosso primeiro documento, que somos inscritos no rol de habitantes do país, temos nossa nacionalidade definida. (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 180-181).

O texto escrito, tentando transformar cada letra, sílaba e palavra numa oralidade que na maioria das vezes lhe soa estranhas.

Tendo em vista o precário dispositivo que lhe foi ensinado quando o alfabetizado passa em uma grande livraria, entre numa biblioteca pública ou mesmo repara numa grande cidade e deve perguntar: Por que e Para que?

A chegada do século XX inaugurou numa fase de explosão da informação redimensionando o papel da escrita nas sociedades modernas.

CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS SOBRE ALFABETIZAÇÃO

No Brasil analfabetismo ainda é um dos maiores obstáculos do exercício da cidadania e exclusão social das camadas mais desprovidas da população.

Acredita-se ser imprescindível haver uma conscientização sobre a importância da alfabetização para esse novo milênio, pois num mundo em rápida e crescente

evolução como o qual em que vivemos é necessário que o adulto que não conseguiu ser alfabetizado na época adequada, incorpore que nunca é tarde para começar e como ele faz parte do mundo, deve ser sujeito deste mundo e não simplesmente espectador.

Segundo Fontana e Cruz (1997):

O processo de elaboração, porém, não compete só à criança. Nós, professores, também participamos dele ao analisar com ela sua produção, quando a ajudamos a perceber o curso de seu próprio processo de elaboração. (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 217).

Portanto, ele distinguirá estes dois mundos: o da natureza e o da cultura; o papel do homem na realidade e com ela; as relações entre a natureza e a comunicação dos homens; a cultura como resultado de seu trabalho, de seu esforço criador e recriador.

O analfabeto aprende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. “É entender o que se lê escrever o que se entende.” (FREIRE, 2006,

p. 72). Por isso, a alfabetização não pode ser como uma doação, de fora para dentro, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, ajustado pelo professor.

Solé (2008, p.18), defende que poder ler, isto é compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

Assim como outras coisas, ler é uma questão de compartilhar. Compartilhar objetos, compartilhar tarefas compartilhar os significados construídos em torno delas. No entanto, nessa atividade compartilhada a responsabilidade é diferente para o professor e para os alunos, pois o primeiro pode se colocar ao nível dos segundos, para ajudá-los a se aproximar dos objetos perseguidos. (SOLÉ, 2008, p.173).

Acredita-se que o desenvolvimento da competência leitora não termina quando o aluno domina o sistema de escrever e ler; o processo é contínuo e conta com a participação do aprendiz nas práticas que se envolvem a língua escrita e que se traduz na competência de ler e produzir textos dos mais variados gêneros.

Quanto mais acesso à cultura escrita, mais possibilidades de construção de conhecimentos sobre a língua, mais se estabelece a comunicação com os textos impressos, por meio da busca da compreensão; constituindo uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades à medida que se manejam adequadamente textos cada vez mais complexos, sabe-se que ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda escolaridade e de toda vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Educador é o mediador das relações que os estudantes constroem com eles mesmos e com o grupo em relação à escrita, assim, favorecendo a alfabetização.

Digamos que o professor – educador/alfabetizador – não saiba desses primórdios, talvez a criança não perceba